

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preço da assinatura	Anno 1885	Semest. 1885	Trim. 1885	N.º de entrega	8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 247	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$000	1\$500	500	3\$100		Lisboa, L. do Poço Novo, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		Todo os pedidos de assignatura deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—	1 DE NOVEMBRO 1885	

## CHRONICA OCCIDENTAL

A abertura do theatro de S. Carlos é um dos acontecimentos mais importantes do inverno lisboeta. A abertura das camaras passa sempre despercebida, apesar do apparato da tropa — a abertura de S. Carlos preoccupa toda a gente.

E que como já muitas vezes temos aqui notado, o theatro de S. Carlos é a predilecção especial de Lisboa.

Os libretos importam-se muito pouco ou nada com o theatro portuguez, não se importam coisa nenhuma com a politica não fazem caso algum de bellas artes e de bellas lettras, mas S. Carlos preoccupa os excessivamente quasi que exclusivamente.

E sem dar absoluta razão ao publico de Lisboa ou não censuro de forma alguma o seu amor pelo theatro lyrico; lamento apenas o exclusivismo da sua paixão e desejaria que elle dêsse em todas as outras coisas o testemunho de vitalidade que dá no theatro de S. Carlos.

O portuguez de ordinario concentrado, indifferente, frio, nada meridional em todos os actos da sua vida social, transforma-se na platée do theatro lyrico: allí vive, agita-se, fúla, discute, tem opiniões suas, tem calor, tem expunabilidade, tem vontade, é alguém.

As vezes elle tão pouco meridional cá fora é meridionalissimo, se me permittem o superlativo, lá dentro: muito justo ás vezes é outras muito injusto, muito irreflectido: elle que em toda a sua vida parece couraçado contra as impressões de momento que nos outros povos meridionaes determinam as grandes agitações, as ruidosas manifestações collectivas, allí, no theatro de S. Carlos deixa-se dominar completamente, impensadamente pelas primeiras d'essas impressões e d'ahi frequentemente julgamentos menos justos, menos conscienciosamente determinados, embate violento de opiniões oppostas, tumultos, discussões vehementes, conflictos ruidosos, que trazem uma nota original, nova, estranha, á pacatez, á samsaboria, á indifferença doentia que constitue a nossa vida de todos os dias.

É por tudo isto, é por este modo de ser em relação á nossa opera italiana que todas as questões lyricas tem o condão especial de preoccupar extraordinariamente o publico de Lisboa, que tudo que diz respeito ao theatro de S. Carlos é um assumpto importante na nossa cidade.

A queda de um ministerio não faz entre nós a sensação que produz a queda de uma empresa lyrica, a formação de um gabinete é commentada frouxamente por duas ou tres pessoas, ao passo que a formação da companhia italiana é discutida e acaloradamente por toda a gente de Lisboa, e o decreto mais importante que a folha official publique, não levanta os commentarios que provoca a mais insignificante aria cantada por qualquer tenor de segunda ordem.

Isto é assim, está profundamente enraizado nos nossos habitos, parece estar-nos na massa do sangue e nós temos de aceitar os factos como elles são, a gente como ella é.

Este anno o elenco da companhia de S. Carlos preoccupava o publico ainda mais que do costume.

E comprehende-se perfeitamente o motivo. O elenco d'este anno é excepcional. Como já dissemos na nossa ultima chronica, figura n'elle o nome mais glorioso de todo o mundo lyrico moderno, o nome de Adelina Patti.

Além da celebre diva, a empresa annuncia reci-

tas extraordinarias, com a extraordinaria Devriès, que no anno passado tfo grande enthusiasmo causou em Lisboa e com o tenor Massini, outra celebridade lyrica, que cantou ha muitos annos em S. Carlos antes de ser astro de primeira grandeza e cujo nome anda ao lado de Gayarre, como dos dois primeiros tenores do mundo.

Ao lado d'estas tres novidades de primeira ordem, o elenco das recitas ordinarias, a sopa, cosido e arroz da epoca que se inaugurou hontem era quasi que na sua totalidade mysterioso para o publico.

Dois artistas conhecidos apenas: a Borghi-Mamo e o Cotogni, dois artistas realmente notabilissimos, mas acerca dos quaes o publico tinha deante de si uma interrogação porque ha muitos annos os não ouvia, e no fim de contas os cantores não duram muito, não resistem longamente á acção do tempo, não são como os vinhos generosos, que quanto mais annos passam por elles melhores elles são.

E o Cotogni estivera cá ha muitos annos e já não era nenhuma creança que dêsse os seus primeiros passos, a Borghi cantara em S. Carlos ha

muito menos tempo, é verdade, mas depois d'isso fizera umas poucas de estações no Brazil, e o tempo do Brazil para os cantores, como o tempo da Africa para os militares, conta-se em dobrado.

E agora estes dois nomes, já seus velhos conhecidos, o mais são tudo nomes novos: o baixo Lorrain, o tenor Jourdain, o barytono Devriès, a dama lyrica Roussel, nomes que não andam no ouvido do publico, onde ordinariamente não chegam rapidamente senão os nomes que veem muito apregoados de Italia.

Dahi, uma grande curiosidade pela abertura de S. Carlos, um grande interesse em fazer conhecimento d'esses artistas novos.

As operas escolhidas para essas apresentações foram o *Mephistopheles*, a *Linda de Chamounix* e o *Rei de Lahore*.

O *Mephistopheles* cantou-se hontem, a *Linda* deve cantar-se hoje, e o *Rei de Lahore* n'uma das proximas noites. Portanto, só poderemos falar da primeira d'estas operas e dos artistas que n'ella se apresentaram.

Ha quatro annos que o *Mephistopheles* se cantou pela primeira vez em Lisboa, *Mephistopheles* era então o baixo Nannetti, Fausto era o tenor Fancelli, e Margarida a prima-donna Borghi-Mamo.

O desempenho notabilissimo d'esta cantora, tanto na parte lyrica



OS ULTIMOS SUCCESOS DA BULGARIA — O PRINCEPE ALEXANDRE





como na parte dramática, a execução muito correcta de Romano Nannetti é a corrente que no alto do *littérarismo* português se estabeleceu em favor da moderna escola musical, da musica *savante*, fizeram certo successo a opera de Boito.

O *Mephistopheles* é innegavelmente uma opera trabalhada com profunda sciencia, tem paginas magistraes, revelam em Boito um mestre distinctissimo; mas não é atravessada por esses largos sopros de inspiração que pairam sobre as operas immortaes de Meyerbeer, de Verdi, de Rossini e algumas de Donizetti, não tem a chancolla do genio, que marca as obras destinadas a longa posteridade.

Alberto Wolff o illustre chronista parisiense assistindo uma noite em Bruxellas á representação da opera de Boito diz que nunca admirou tanto o *Fausto* de Gounod como ao ouvir o *Mephistopheles*.

Effectivamente o brilhante critico francez tem caradas de razão. O *Mephistopheles* de Boito é muito bem trabalhado, tem trechos musicaes de subido valor, mas realmente perante aquella scena da *kermesse* o nosso ouvido repete-nos cheia de saudades a magnifica *kermesse* de Gounod; perante a scena do jardim de Margarida, a memoria canta-nos aquelle delicioso duetto ao luar do maestro francez e no acto da prisão quando a Margarida de Boito relembra o passado, como nós relembremos toda aquella scena esplendida da morte de Margarida, e o tercetto maravilhoso que fecha essa scena.

Mas hontem não se tratava de apreciar a opera de Boito, tratava-se de apreciar os quatro artistas encarregados dos principaes papeis — o Borghi-Mamo, o sr.<sup>a</sup> Borlinetto, o baixo Lorrain e o tenor Jourdain.

Borghi Mamo foi magnifico em toda a opera.

Os annos de ausencia passaram sobre ella sem em nada prejudicarem o seu talento notabilissimo, a sua esplendida voz, a sua primorosa arte.

É a mesma artista *hors ligne* que nós tantas vezes applaudimos, com todos os seus magnificos dotes naturaes realçados ainda pela sciencia e pela segurança que dão o estudo e a pratica.

Cantou e representou notavelmente a parte de Margarida e da Helena, e a maneira como caracterizou este personagem do segundo *Fausto* de Goethe, differentemente da criação perfeitamente germanica de Gretchen bastaria para a evidenciar comedianta de alto merecimento.

O sr. Lorrain, o *Mephistopheles*, é um excellentissimo artista possuidor da voz de baixo mais ampla, mais cheia, que ultimamente temos ouvido em S. Carlos.

Tem uma excellente voz, usa d'ella bem e melhor usará ainda quando, com mais tirocinio artistico estiver completamente senhor de todos os seus valiosos e raros recursos individuaes.

Canta bem e é actor, como quasi todos os artistas francezes e essa sua sciencia de comedianta fez realçar muito a bella execução do papel de *Mephistopheles*.

O tenor Jourdain é um artista consciencioso, tem uma voz de agradável timbre e agradável, sem produzir grandeza enthusiasmos, enthusiasmos a que aliás se não presta muito a parte de *Fausto* na partitura de Boito.

A sr.<sup>a</sup> Borlinetto é uma cantora interessante, que tem uma voz agradável e que se fez applaudir no duetto com o sr.<sup>a</sup> Borghi-Mamo, duetto que foi esplendidamente cantado por esta illustre artista e bisado no meio de muitos applausos.

A estreia da epoca lyrica foi portanto das mais felizes, não havendo sequer uma nota discordante.

Com muito prazer notamos sensível differença nas *mise-en-scenes* de S. Carlos. O *Mephistopheles* está muito bem ensaiado e os coristas e comparsas tem muita mais animação, muito mais comprehensão do seu papel do que nos outros annos.

Hoje estreiam-se o barytono Cotogni, o baixo Pinto, o *buffo* Frigiotti e a primeira dama ligeira E. Roussel.

Falaremos d'elles na proxima chronica.

Recebemos da Sociedade de Geographia a seguinte carta, que gostamos de publicarmos.

«Terminadas as manifestações publicas iniciadas pela Sociedade de Geographia de Lisboa em honra e homenagem aos benemeritos exploradores da Africa Central, e nossos consocios, os srs. Heremegildo Capello e Roberto Ivens, é-nos profundamente grato manifestar a V. o nosso agradecimento e exprimir-lhe a nossa sincera congratulação pela cooperação valiosissima que no animo esclarecido e no auctorizado conceito de V. encontraram esta Sociedade e o pensamento de patriotismo e de justiça que exclusivamente presidira a essas manifestações.

«Quando em face de um movimento crescente

e impetuoso de opinião e de interesses, em que vimos perigar o direito, a justiça e o bom nome do paiz, mais se acaloravam os nossos votos e mais anseava o nosso esforço de estudiosos e de portuguezes por uma affirmação nova, directa, pratica, irrecusavel, do velho espirito nacional, generoso e intrepido, e da nossa communhão necessaria na obra da exploração e da civilização africana, chegavam á costa de Moçambique, idos da outra costa, os nossos bravos investigadores scientificos, e recebiam-os e acompanhavam-os á patria, e envolvia-os aqui, num verdadeiro triumpho, — exultante e singular, — o applauso, o jubilo, podemos dizer: — a consciencia, — devemos dizer: — a vontade da Nação. Porque é esta a significação auspiciosissima das manifestações festivas a que temos assistido.

«Faltava á verdade que se deve á historia, e faltava ao respeito que se deve ao povo brioso e altivo que acaba de laurear, na coherencia intelligentissima do seu patriotismo e na sinceridade austera da sua justiça, os dois valentes exploradores, quem dissera que n'essa ovação calorosa e unanime da patria portugueza, desde Loanda ao Porto, se não continha a expressão e a synthese da justiça d'esse povo, da sua vontade intemerata, do culto do seu nome, da comprehensão do seu interesse, da solidariedade da honra e da tradição nacional.

«O applauso é uma affirmação tambem; — as ovações verdadeiramente nacionaes, como foi esta, são a expressão espontanea de uma necessidade, de um interesse, de uma aspiração collectiva. Consoaram um movimento historico, ou determinam-no e impõem-no indoclinavelmente.

«A festa de um povo é muitas vezes, — e havemos de contar que será agora, — a deliberação do seu futuro. Nesta campanha de reivindicações e de propaganda em que trazemos empenhadas, vae em dez annos, as nossas forças, intelualmente modestissimas, não houve dia que melhor nos pagasse o trabalho, nem estimulo que mais generosamente nos realentasse n'elle, — por todos nós ou por toda a Sociedade fazamos, — do que aquelle em que vimos o applauso da Nação, — na perfeita unanimidade de todos os corações e de todas as consciencias portuguezas, — levantar á face do mundo e da historia, — n'um triumpho de heroeas, — os vultos modestos de dois exploradores africanos, que hontem encontrariam apenas, ao regressar aqui, os braços amigos e os enthusiasmos obscuros de alguns visionarios da nossa grande missão colonial.

«E que o paiz sentiu finalmente que era tempo de pôr embargo ás cubicas e ás calumnias que nos andavam saltando os grandes interesses e as gloriosas tradições do nosso imperio ultramarino; é que a nação que mais ha feito pelo progresso da geographia moderna e pela civilização do Continente Negro, quiz lançar no grandioso movimento de exploração scientifica, commercial e politica d'aquelle continente, a affirmação consciente e oportuna do seu direito, e tambem dos seus deveres, de cooperação necessaria n'esse extraordinario movimento.

«Assim, por uma feliz coincidência, a Sociedade de Geographia de Lisboa pode hoje congratular-se simultaneamente pelos trabalhos e descobertas tão interessantes para a sciencia, dos nossos dois bravos consocios, e pela consagração patriótica que o movimento da exploração africana e a propaganda dos interesses e deveres que n'esse movimento nos pertencem, acaba de encontrar em todo o paiz. Comprindo o grato dever de incluir V. n'esta congratulação, e de lhe transmitir os agradecimentos da Sociedade pelo dedicado auxilio que ella encontrou em V., temos a despenhar ainda outro encargo não menos agradável e honroso, qual é o que recebemos dos nossos illustres consocios, e benemeritos exploradores, srs. Heremegildo Capello e Roberto Ivens, de agradecer em seu nome a V. as demonstrações de sympathia, applauso e singular distincção que de V. tem recebido. — Deus guarde a V.

«Sociedade, 15 de outubro de 1885.

PELA DIRECÇÃO

Augusto de Aguiar.

Luciano Cordeiro.

J. P. Diogo Pereira Junior.»

Os illustres exploradores seguem a sua viagem triumphal pela Europa; em Madrid foram acolhidos com todas as distincções, e chegaram já a Paris, onde vão fazer uma conferencia perante a sociedade franceza de geographia.

Gervasio Lobato.

## Os ultimos successos da Bulgaria e o principe Alexandre

Ha um problema na politica europea, que de quando em quando volta á tella da discussão, que de tempos a tempos ameaça perturbar a paz universal, é a chamada *questão do Oriente*.

Esta questão, como o Proteu da mythologia grega, reveste diversas formas, agitando-se em variados pontos, abraçando uma area enorme de territorio, que se estende de norte a sul desde a Russia até á Abyssinia, e de leste a oeste, desde a Grecia ou talvez desde a Austria até ao Ganges, vindo por causas conhecidas repercutir-se até o noroeste da Europa na França e principalmente na Grã-Bretanha, e o extremo oriente na China.

Não é das coisas mais facéis explicar o que seja a questão do Oriente, ou antes é a coisa mais difficil de explicar. Se ella tivesse por fim a libertação de paizes christãos do jugo do islamismo! mas nós temos visto varias vezes nações christãs aliadas ao sultão, e outras, nações christãs, lançarem o seu jugo ou a sua influencia sobre paizes musulmanos; exemplos o Egypto, o Crimen, o Caucaso, a Bukhara, o Afghanistan, etc.

Mas não é isso, que seria justo, e a politica em geral é perversa e impudica. Se lho convém o direito estabelecido, serve-se d'elle; se lhe não convém, inventa e estabelece outro de novo. Se não encontra razões que oppór á indefectivel justiça, protinhe a questão até o momento opportuno de a poder resolver a seu talento, chegando até a abandonar o aliado que mais sacrificios tenha feito, para que o egoismo proprio não sofra. A Polónia, o Zaire, o Brunswick, as Carolinas, são provas d'isto.

Mahomet levantou o Koran no Arabin, e os seus successores estenderam o dominio d'elle para o Oriente até aos confins da Asia, para o Occidente pelo norte da Africa até á sua costa occidental, e atravessando o Mediterraneo alagando a peninsula hispanica e o sul da França, a Sicilia, o sul da Italia, a Grecia, tomando Constantinopla, a Bessarabia, até chegarem as suas armas á Hungria, á Persia, ao Turkestan, ás Bukharas, etc. Repulsados da Europa meridional, concentraram-se no extremo oriente d'ella, na Africa septentrional e na Asia. Pouco a pouco entre o Báltico e os montes Uraes, foi se constituindo um estado slavo, cujo poder absorbente é immenso, e que ao fim de poucos seculos reunia alguns milhões de almas sob o sceptro d'um homem superior, o czar Pedro. Esse homem, pela sua morte deixava aos seus successores como lemma de politica a absorção da Asia e a fixação em Constantinopla. Eis o ponto capital da questão do Oriente; a Russia quer apoderar-se de Constantinopla. O reverso d'este lemma é: a Europa, ou principalmente a Inglaterra, não quer Constantinopla em poder dos russos.

Deste embate de desejos e de tentativas, tem tirado lucro a Grecia, a Rumania, a Servia, a Bulgaria, o Montenegro, a Bosnia, a Herzegovina, a Rumelia, que todas tem conseguido ou a sua completa independencia, ou uma especie de autonomia com certa dependencia da Turquia, sua suzerana.

Pelos successos da ultima campanha entre a Russia e a Turquia, quiz aquella tirar lucros territoriaes importantes, e que se oppoz a Europa, que no tratado de Berlim (1878), fixou os paizes que ficariam dependentes da Turquia, os seus limites, e para ter na Austria uma garantia e uma vigia contra a Russia, fez-a particípa de certos territorios na Bosnia e Herzegovina.

Constituíram-se então definitivamente os reinos da Servia e Rumania, o principado da Bulgaria e do Montenegro, e ficou a Rumelia com certa autonomia, mas com um governador nomeado pelo sultão. Ha tempos comecaram a mover-se certas questões religiosas n'aquelles pequenos estados, e pouco depois havia o entrevista de Krenisier, onde os dois imperadores da Austria e Russia decerto fariam mais alguma coisa do que perguntar pela familia, e dar um abraço e um beijo.

Mezes depois a Rumelia agita-se, levanta-se toda, depõe e prende o governador turco, aliás um rumeliota, Crestowich, e resolve a sua annexação á Bulgaria, acclamando o principe Alexandre. Este sem a menor hesitação accede ao convite, parte de Varna, onde se achava, para Philippopolis com o ministro dos estrangeiros, proclama aos rumeliotas, é applaudido e acclamado por elles.

A Servia põe-se em armas, querendo reivindicar certos territorios da Bulgaria, o Rumania do mesmo modo, a Grecia tambem se arma, parecendo existir um accordo entre ellas. A Turquia põe o seu exercito em campo como executor do tra-



tado de Berlim, aproxima-se da Rumélia, e reclama uma conferência em Constantinopla, a que os Estados signatários do tratado não podem eximir-se, e a que tem adherido com mais ou menos reservas. A Rússia, manifesta publicamente certo desagrado ao príncipe Alexandre pelo passo que deu. A Austria toma medidas; as potências pelos seus representantes aconselham a Grécia, a Rumania, e o rei da Servia a serem prudentes, e a não complicarem a situação.

Eis o estado em que se acha o taboleiro onde vemos em cheque varios estados e interesses. A conferencia vai reunir-se, e em quanto as potências dão instruções aos seus representantes, e a Inglaterra se dispõe a sustentar a actual posição do príncipe Alexandre, e a combater a Birmânia, que na Asia lhe quiz levantar certas difficuldades, — outro item provavel da questão do Oriente, vamos dizer o que sabemos do príncipe Alexandre.

Nasceu este príncipe no Hesse (Allemanha) a 5 de abril de 1857; tem portanto 28 annos. É filho do outro príncipe Alexandre, tio do grão-duque reinante do Hesse, Alexandre IV. — Achava-se em Potsdam, sendo então capitão da Guarda Real do imperador Guilherme, quando a assembléa da Bulgaria, reunida em Tirnova, o elegeu príncipe soberano do novo estado, constituído pelo tratado de Berlim, a 29 de abril de 1879; tinha então 22 annos. Conserva-se o príncipe ainda solteiro, mas havia-se dito nos ultimos tempos que se tratava do seu casamento com sua prima a princeza Irene de Hesse. Tem o príncipe um irmão, Henrique de Battenberg, que em julho ultimo casou em Whipling, filha de Wight com a princeza Beatriz de Inglaterra, filha da rainha Victoria.

Não parece crível que o príncipe, cuja soberania foi electiva, se decidisse a accutar tão promptamente a acclamação dos rumeliotas, se não tivesse apoio seguros. Qual seria esse apoio, não é fácil dizer-se. Uns querem ver neste successo uma consequencia da entrevista de Krenzier, outros uma instigação da Russia, outros ainda, a da Inglaterra, para entorpecer a acção d'aquella. Não devemos esquecer que o príncipe veio da Prussia e é cunhado d'uma filha da rainha Victoria, e que ultimamente se diz que a Inglaterra apoia o príncipe e quer fazer valer o facto consumado.

Na sua nota ás potencias diz o príncipe que, tendo deixado de existir o estado da Rumelia, o povo pelo suffragio universal o acclamou e os bulgaros lhe pediram que aceitasse esta eleição. Que tomado em consideração os seus sagrados deveres para com o povo accellou estes votos por uma proclamação dirigida á nação bulgára, mas que declara do modo mais solenne que a reunião das duas Bulgarias se fez, sem a minima intenção hostil para com o governo ottomano, cuja suzerania reconhece; que assegura a tranquillidade dos dois paizes, sem distincção de raça nem de cultos, e que pede ás potencias que reconheçam este estado de coisas, e intervenham com o sultão para que o sancione, afim de evitar a effusão de sangue, porque o povo está decidido a defender até á morte o facto consumado.

Veremos o que resultará de tudo isto.

J. B.

## Capello e Ivens, no Porto

(Concluido do n.º 240)

Na tarde do dia 12 teve lugar a sessão solenne da Associação Commercial.

O edificio fôra preparado festivamente para a recepção dos illustres hospedes. O pateo tinha uma elegante decoração de fetos e de muscões de outras plantas e na escada nobre, o busto do infante D. Henrique sobresahia no centro de trophéus de bandeiras e de grupos de aprestes de marinha e de petrechos de guerra. Os outros aposentos estavam por igual dispostos com luxo.

O grande salão urabe, pela sua magnificencia, dispensava quaesquer ornamentações, e assim apenas fôra collocado no fundo o retrato de el-rei o sr. D. Luiz.

A cerimonia foi presidida pelo sr. cardeal bispo do Porto, assistindo a ella as auctoridades, as delegações das diversas corporações do Porto e Lisboa, incluindo a da Associação Commercial d'esta ultima cidade, negociantes, e muitas damns com toilettes de gala.

Aberta a sessão, o sr. Augusto Pinto Moreira da Costa, presidente da Associação Commercial, leu uma allocução, que foi entregue aos exploradores pelo sr. ministro da marinha encerrada em cofres de ebano artisticamente trabalhados.

A patriótica saudação do corpo commercial d'esta praça terminava pelas seguintes palavras:

«Não é a corporação commercial d'esta cidade a ultima a comprehender os seus deveres, e reconhecendo todo o valor da vossa grande obra, pela minha bocca vos dirige as felicitações mais calorosas e os agradecimentos mais sinceros.»

Respondêo o sr. Brito Capello em seu nome e no de Roberto Ivens, referindo que consideravam como uma das mais honrosas saudações que haviam recebido, a que lhes era dirigida pela Associação Commercial do Porto, e concluiu dizendo:

«Agradecendo as felicitações que acabam de nos ser dirigidas, e associando-nos aos cumprimentos dirigidos ao illustre ministro da marinha e ultramar, julgamos interpretar as aspirações do poder executivo que são as do paiz, fazendo votos para que este profundo abalo que a travessia que acabamos de fazer produziu no espirito publico, seja fecundo para o aproveitamento de antigos e novos mercados para o producto da nossa industria, dando desenvolvimento aos centros de producção e justa retribuição ao desaloito do trabalho nacional, com todas as vantagens que d'ahi advém para o bem estar da familia em especial e da sociedade em geral.»

Seguiu-se a mensagem da Sociedade de Geographia Commercial, lida pelo seu presidente o sr. Oliveira Martins, em que traçando um amplo quadro das nossas glorias africanas, realçou os merecimentos scientificos da ultima travessia realçada pelos dois exploradores portuguezes. Disse que aquella Sociedade apenas cumpria um dever conferindo-lhes as maximas honras que o seu estatuto permite.

Depostas nas mãos do sr. ministro da marinha as medalhas da Sociedade, conferidas aos seus socios benemeritos os srs. Capello e Ivens, s. ex.ª entregou-lhes no meio de uma saudação calorosa da assembléa.

As medalhas foram cunhadas em prata, tendo alguns dos ornatos em ouro.

Usou por ultimo da palavra o sr. ministro da marinha, que proferiu um dos seus mais notaveis e brilhantes discursos.

A sua palavra arrebatadora e eloquente produziu profunda emoção, que se traduziu por vezes em fervorosos applausos.

O sr. conselheiro Pinheiro Chagas louvando a Associação Commercial e a Sociedade de Geographia Commercial, dirigiu uma saudação entusiastica a esta cidade, encerrando-se a assembléa sob a impressão harmoniosa do seu verho arrebatador.

Durante toda a sessão estrugiram na sala repetidas acclamações aos exploradores, os quaes foram alvo alli, como á saluda do edificio, das mais inequivocas provas de respeito e affecto.

A noite houve o banquete de honra no Palacio de Crystal.

O amplo salão do Restaurante tinha um aspecto deslumbrante. Do centro das mezes elevavam-se magnificos cocas auratis, musas e um grande feto arboreo, achando-se dispostos pelas paredes trophéus de bandeiras e de couraças e armas antigas, bem como de objectos de alarino e armas de guerra dos indigenas da Africa.

O jantar foi de cerca de 130 talhozes, occupando o lugar de honra o sr. presidente da Sociedade de Geographia Commercial, que tinha á direita o sr. Capello e á esquerda o sr. Ivens.

Defronte o sr. presidente da Associação Commercial, dando á direita ao sr. ministro da marinha e á esquerda ao sr. governador civil do distrito.

Occupavam igualmente logares distinctos os srs. presidentes das municipalidades de Lisboa e Porto, general da divisão, chefe do departamento maritimo, commandante da corveta Sagres, membros da Sociedade de Geographia de Lisboa, e do Club Militar Naval, conde de S. Miguel ministro da Hollanda, Guilherme Capello governador do Congo, Rangel de Lima secretario particular do sr. ministro da marinha, Costa Mendes official da corveta brasileira Netherhoj, vice-presidente do Atheneu Commercial, etc.

O primeiro brinde foi levantado pelo sr. Oliveira Martins a el-rei e aos exploradores, respondendo o sr. ministro da marinha brindando o Porto.

Seguiram-se depois os dos srs. dr. Correia de Barros aos exploradores; Roberto Ivens ás Associações Portuenses; Augusto Pinto Moreira da Costa aos hospedes do Porto; general Sousa Brandão á Sociedade de Geographia Commercial; Agostinho Leão á Sociedade de Geographia de Lisboa; dr. Correia de Barros á cidade de Lisboa; Rosa Araújo á imprensa do paiz; Christovão Ayres á imprensa do Porto, agradecendo o sr. Oliveira Martins.

Um dos brindes mais colorosamente correspondidos foi o levantado á cidade de Lisboa, pelo sr. presidente da camara do Porto.

Depois do banquete, os exploradores dirigiram-

se ao Circo do Principe Real, para assistirem ao espectáculo que alli se dava, recebendo ali do publico novas e calorosas saudações.

Na noite de 17, finalmente, effectuou-se no Atheneu Commercial a conferencia sobre a recente exploração de Africa, conferencia que foi lida pelo sr. Ivens.

Presidiu á sessão o sr. ministro da marinha, tendo por secretarios os srs. Sousa Brandão e Oliveira Martins.

A sala, pela sua concorrencia extraordinaria e selecta, offerecia a mesma prespectiva elegante e luzida, da assembléa anterior.

A descripção da viagem, feita pelo sr. Roberto Ivens, foi ouvida com o maior interesse e coroada com geraes applausos.

Terminada a leitura, o sr. conselheiro Pinheiro Chagas agradeceu á população portuense, á sua municipalidade, á Associação Commercial, Sociedade de Geographia Commercial e Atheneu Commercial as manifestações com que o haviam honrado não só a elle como aos exploradores, dirigindo ao mesmo tempo um gracioso e delicado cumprimento ás damns portuenses pelo brilho que haviam dado ás festas com a sua presença.

A sessão encerrou-se no meio de vivas unanimes da assembléa.

Poucas horas depois os exploradores, o sr. ministro da marinha e as demais pessoas e corporações que os tinham acompanhado de Lisboa dirigiram-se á estação do caminho de ferro para regressarem á capital.

A despedida não podia ser mais saudosa nem mais entusiastica.

Quando os exploradores e o sr. ministro da marinha sahiram do hotel, aguardava-os a direcção e grande numero de socios do Atheneu e muitas outras pessoas com uma philamonia, que os acompanharam por algumas ruas no meio de incessantes acclamações.

Apesar da hora adelantada da noite, na gare viam-se varias auctoridades, corporações, jornalistas e outros cavalheiros.

Logo que o comboio expresso se poz em movimento, os vivas e as saudações trocaram-se com um transporte que tocou a meta do delirio.

A multidão seguiu correndo, por algum tempo apoz o trem, e ao vel o desaparecer na curva do caminho, ficou ainda ouvindo as palpitantes da locomotiva que se afastava, e que levava consigo os idolos da patriótica adoração que se prolongou com uma intensidade sempre crescente, durante os tres dias em que o Porto os conservou no seu ceio generoso.

O Occidente reproduziu já no numero passado e publica tambem n'este, alguns *croquis* dos testos e solemnidades que em honra dos exploradores se levaram a effecto n'esta cidade.

O lapis habilissimo de João Christino, cujo talento artistico se realça com as qualidades peregrinas de uma modestia sem igual, completará com os seus desenhos de uma fidelidade e pittoresco palpitantes, as deficiencias d'esta chronica a vol d'oiseau.

Porto, 27 de outubro.

Manuel M. Rodrigues.

## TRES DIAS EM THOMAR

(Continuação do n.º 243)

III

Estavamos em Thomar.

A primeira impressão foi muito desagradavel, a impressão de ter chegado a uma cidade morta.

Ninguém pelas ruas, ninguém pelas lojas, ninguém pelas janellas — a solidão enorme, o silencio sinistro que deve pairar sobre as velhas cidades abandonadas e desertas.

De vez em quando, muito de longe em longe, um vulto atravessava uma rua, e as suas passadas faziam eco triste n'aquelle oceano de silencio.

Nós chegámos a Thomar n'um dia santo. Imaginamos que exactamente por ser dia santificado a que estava assim deserta e calma a cidade.

Naturalmente a maior parte da gente tinha ido para os arrabaldes, para alguma festa e por isso a cidade de Thomar, a bella Thomar não tinha ninguém nas suas ruas principaes, por onde passava a nossa carruagem com um grande ruído de guizos, ruído que não tinha a habilidade de fazer assomar um rosto curioso a uma janella, uma cara bebilhoteira a uma porta de rua.

Nos dias immediatos, dias de trabalho, dias de semana vizios que esse silencio triste, que essa





CAPELLO E IVENS NO PORTO — Sessão solenne da Associação Commercial do Porto (desenho de natural por J. Christian)



ausência de vida, de animação, não era do dia santo, era da própria terra.

O Lumiar, Bemfica, Pedrouços, qualquer dos nossos menos animados *fora da terra* na morte *saíam* tem mais vida, mais alegria, menos insipidez que Thomar ao dia santo e ao dia de semana.

Atravessámos toda a rua da Corredoura, a rua principal de Thomar, que corta horizontalmente toda a cidade, uma bella rua, das mais limpas e

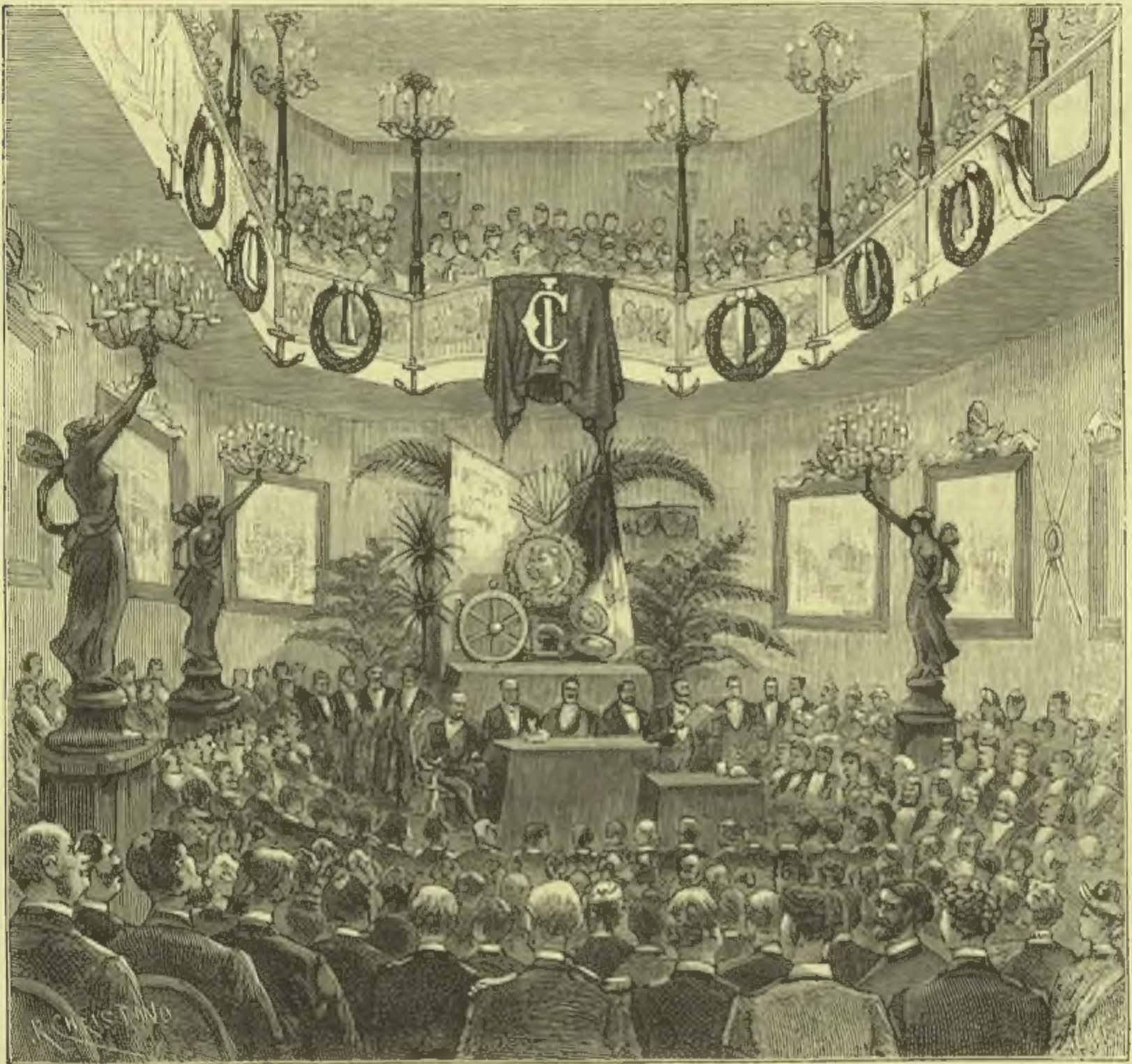
largas que temos visto em pequenas cidades de provincia, e chegámos á praça principal, praça de S. João, se bem me lembra, onde fica o bello templo de S. João, notavel pelo seu estylo architectónico, pelo seu formosissimo portico manuelino, a Camara Municipal e o Hotel Prista, o hotel Bragança de Thomar.

O Hotel Prista é effectivamente um dos melhores hoteis que temos encontrado ali pelas peque-

nas cidades de provincia cuja vida não permite o estabelecimento de grandes e despendiosos hoteis.

A casa não é má; os quartos são acciados, que é o mais que se pode exigir, e o passadio muito razoavel, e os preços muito modestos, o que nem sempre é vulgar nos modestos hoteis.

O que no Hotel Prista ha de melhor, ha realmente de bom, é o Prista.



CAPELLO E IVENS, NO PORTO — CONFERENCIA DOS EXPLORADORES, NO ATHENEU COMMERCIAL DO PORTO (Desenho do natural por J. Christlun)

O Prista é um homem dos seus quarenta annos, forte, de bigode preto, sympathico, menos mau conversador e extremamente servil.

Se nos grandes hoteis de Lisboa e do Porto se encontrassem muitos Pristas que bom seria!

Mas geralmente não se encontram.

Ordinariamente os donos de grandes hoteis não fazem nenhum caso dos seus hospedes, é quasi uma fignça que fazem o receberem-os, darem-lhes a honra de os admitir no seu estabelecimento a tantos réis por dia.

— Se não querem não venham cá que até me fazem muito favor, parecem dizer esses donos de hoteis com os seus ares emproados de *grands seigneurs*, e com a mal criação tradicional dos seus empregados e dos seus criados, farto de hospedes

estou eu. Realmente até me obsequiam indo para outra parte.

E se o desgraçado hospede chega mais hora mais tarde ao jantar, acha o jantar frio, e a costa a escaudar; se não gosta d'um prato que lhe dão ao almoço tem que se aguentar e calar, senão ainda é quasi que espancado pelos criados.

O sr. Prista, é o contrario d'isto. Parece um discipulo do Gomes, do excellentissimo Gomes do Grande Hotel do Bom Jesus, Gomes e Hotel de quem temos sempre saudades.

A differença é que o Gomes tem um Grande Hotel que se pode pôr a par dos primeiros do nosso paiz, e portanto do paiz vizinho, onde os hoteis se não são inferiores aos nossos, em dois ou tres, na grande maioria não se lhe approximam nem de

longe, e o Prista tem uma pequena hospedaria, de terra pouco frequentada.

De resto como amabilidade, como boa vontade, como delicadeza, como dedicação pelos seus hospedes, o Prista é o exemplo vivo do amavel hospedeiro do Bom Jesus de Braga.

O Prista pertence aos seus hospedes, faz tudo quanto é possivel para lhes tornar a passagem pela sua casa agradável, procura-lhes todos os confortos, advinha-lhes os desejos para os satisfazer, não se limita a fornecer-lhes os seus melhores quartos, com as melhores commodidades de que pode dispor, os seus mais sumptuosos *menus*, dentro das forças culinarias do seu *cordeon bleu*; serve-lhes tambem de guia, de cicerone, mostra-lhes Thomar, desvenda-lhes os segredos de todo o pittoresco



que ha na formosa cidade, prepara-lhes *parties de plaisir* como difficilmente se encontrão n'outras cidades, almoços e jantares nas margens do Nabão, n'essas deliciosas margens cheias de sombra, de verdura, de poesia, que deviam fazer de Thomar uma das primeiras *villegiaturas* de Portugal, se a maior parte da gente quando vem o verão e deixa a sua casa, se gulasse pelo bom gosto em vez de se guiar pela má moda.

A gravura que o Occidente publica hoje é uma das variedissimas e formosissimas paisagens do Nabão, d'essas paisagens que não tem nada a invejar ás decantadas margens do Mondego

(Continúa)

Gervasio Lobato.

## Exposição da Sociedade de Geographia de Lisboa em Antuerpia

(Continuação da p.º 245)

As idéas que haviam determinado e emparado as tentativas anteriores, e particularmente a da concorrência á exposição de Amsterdã, juntava-se agora como estímulo de uma comprehensão mais fácil e geral, a circumstancia de se realisar na Belgica a nova exposição.

Não que fossem as relações mais intimas do nosso commercio com o d'aquelle paiz, ou as influencias de uma longa e mal apurada lenda de uma aproximação politica mais affectuosa, ou ainda as proprias condições de importancia mercantil de Antuerpia em relação ao commercio da Europa central, os factores principaes d'essa instigação nova á idéa e ao projecto de concorrermos á exposição colonial que se organisava alli.

Certamente, o commercio e a industria portuguezas sustentam de ha muito com o commercio e com a industria belga as relações mais estreitas e amigas; — n'quelle povo intelligente e laborioso tem entre nós as sympathias mais sinceras e radicadas; — Antuerpia é nossa velha conhecida, e o seu porto, — que é um dos melhores interpostos da Europa central, offerece-nos particulares interesses; — finalmente a exposição realisada n'aquelle activissimo centro annunciava-se como notavelmente proveitosa á exhibição dos nossos recursos e das n' suas aptidões da nação colonial.

Assim não fosse n'esse mesmo paiz tão justamente estimado entre nós que a aventura bucaireira, de brago com os interesses mais brutalmente egoistas e ingratos, tivessem podido organizar contra nós uma campanha de calumnias e de intrigas!... É triste, mas é forçoso dizel-o.

No chamado moderno movimento geographico ou colonial, ou mais propriamente africanista, que ha dez annos se manifesta e cresce, entre nós, a Belgica, — porque não é a nós que compete deslincar as responsabilidades alheias, — a Belgica está bem longe de offerecer-nos aquelle aspecto sympathico, — aquella grata feição de mestre e de amigo, — sob a qual tanto lhe queríamos e não pouco a idealisavamos também.

Por um só facto, a sua influencia ou a sua lembrança se prende renhente a esse movimento, — o filia lida a d'esse movimento foi a nossa exposição em Antuerpia, incontestavelmente.

Esse facto exprime-se por esta mystificação: — a Associação Internacional do Congo,

Não ha outro.

O Congresso International de Geographia realisado n'aquella mesma cidade em 1871, se não foi, — o que é aliás muito discutivel, — perfeitamente indifferente para o moderno movimento geographico europeu, nenhuma relação tem e nenhuma influencia exerceu — ABSOLUTAMENTE NENHUMA, — no moderno movimento geographico portuguez.

Verdade seja, — note-se da passagem, — que o mesmo pôde dizer-se da segunda sessão d'esse Congresso, em Paris, no anno de 1885, onde apenas vimos contestados petulantemente, sem refutação nem protesto, a prioridade dos nossos descobrimentos na costa occidental africana.

Esse movimento iniciado em 1876, em Lisboa, — e do qual faremos um dia a historia documental, — a historia sincera, leal, desapaixonada, — esse movimento não encontrou o sábio archivista sr. Ruelens a convidar honestamente os geographos de todo o mundo á permutação e balanço das suas idéas e dos seus trabalhos sobre a Sciencia da Terra, — encontrou o rei Leopoldo a traçar sobre a carta d'Africa, com uma grande sem cerimonia... philantropica, — os caminhos por onde a principio havia de entrar sómente a civilização, sem nechuas miltuos politicos, e por onde depois havia de arremeter a aventura e a cubiza, sob o proposito de fazer do soberano belga um *muene africano*, in *partibus infidelium*.

Longa vae porém a divagação.

A verdade é que a idéa de irmos affirmar a nossa condição, os nossos recursos, os nossos progressos de nação colonial, no proprio paiz, d'onde irradiava impetuosa e feroz, a propaganda contra o nosso credito, contra o nosso direito, contra as nossas aptidões colonias; — o pensamento de verdascarmos a calumnia e de enfolecarmos a intriga, pondo ao lado das cubatas fingidas e dos regulos de contrabando da fumosa Associação do Congo, — uma Africa possuida, trabalhada e civilizada por nós, — concorreu em muito para que se instasse com particular empenho, para que se trabalhasse com singular dedicação, e para que se resolvesse com feliz intrepidez, — através de muitas circumstancias embaraçosas, — que as colonias portuguezas fossem representadas, — e digna e brillantemente, como o foram, ou como nunca o tinham sido, — na Exposição Internacional de Antuerpia.

Por officio de 3 de julho de 1884, a mesa da Sociedade de Geographia de Lisboa — certa de intrepidez os sentimentos da mesma Sociedade e tendo ouvido a secção commercial d'ella, que reconheceu mais uma vez a particular conveniencia e oportunidade de tornar melhor conhecidas e apreciadas as aptidões e progressos industriais e mercantis de Portugal, e muito especialmente das colonias portuguezas, — dirigiu-se ao Governo perguntando-lhe se este se achava resolvido a organizar directamente a concorrência de productos portuguezes á exposição de Antuerpia, porque em caso affirmativo a Sociedade estimaria cooperar na medida das suas forças para que o nosso commercio á referida exposição fosse proveitoso e condigno, — ou se em caso contrario, julgaria conveniente que a Sociedade o fizesse, habilitando-a a fazer as necessarias despesas, em tal hypothese menos consideraveis, e indicando o limite máximo do subsidio com que a Sociedade poderia contar para que tivesse sobre si o encargo.

Foi este officio enviado pelo ministerio das obras publicas, commercio e industria, ao qual fôra dirigido, segundo constava, o convite official, e pelo qual devem correr estes negocios de exposições industriais.

Respondeu o mesmo ministerio, em 24 de julho, informando que «comquanto o governo reconheça as vantagens que adviriam ao commercio e á industria de Portugal da participação d'este paiz n'aquella certamen, e ache muito digna de louvar a iniciativa da Sociedade de Geographia, não pôde concorrer officialmente á Exposição d'Antuerpia, por não o permittirem as circumstancias financeiras.»

«Por este motivo, — acrescentava o documento governativo, — se tem o governo systematicamente absteido de intervir officialmente em diferentes exposições internacionais, para que tem sido convidado, e d'esta sua deliberação, quanto á exposição de que se trata, já deu conhecimento ao governo da Belgica.»

E, por mais de um titulo importante este documento, e fixa irrecusavelmente o caracter da Exposição portugueza que sob a bandeira, a direcção e a responsabilidade da Sociedade de Geographia de Lisboa veio a realisar-se depois.

Não foi, — porque já não podia ser, — uma exposição de Portugal ou das colonias portuguezas, — uma exposição official, em summa, — e os documentos posteriores completam perfeitamente a sua caracterização especial, — diremos até, — praticamente patriótica e politicamente habil e oportuna.

(Continúa na p.º 247)

Luciano Cordeiro.

## O moderno movimento geographico em Portugal

(Continuação da p.º 246)

N' a portaria de 30 de dezembro de 1874, rubricada pelo sr. João de Andrade Corvo, a cujo merito e caracter julgamos ter feito plena justiça no final do nosso ultimo artigo, notaram sem dúvida os nossos leitores que sob a bandeira, a direcção e a responsabilidade da Sociedade de Geographia de Lisboa veio a realisar-se depois.

Não foi, — porque já não podia ser, — uma exposição de Portugal ou das colonias portuguezas, — uma exposição official, em summa, — e os documentos posteriores completam perfeitamente a sua caracterização especial, — diremos até, — praticamente patriótica e politicamente habil e oportuna.

de poem e, por isso mesmo, abundante sempre de vivos e generosos sentimentos, que a sua natureza expansiva e artistica não conseguiu afogar de todo dentro das encadernações do burocratismo official, ainda ha pouco manifestou, nos seus discursos de Lisboa e Porto, como o seu coração, jubiloso e entusiasmado, vibrou de encontro aos levantados successos que o estylista e o orador, mais do que o ministro, assim festejaram e applaudiram.

Foram aquelles discursos, como que uma especie de moldura, com que a alma litteraria do actual ministro da marinha espontaneamente se associou aos feitos e descobrimentos de Capello e Ivens, e um pouco tambem, digamos aqui muito á puridade, á sua propria cooperação, como governo, na travessia d'aquelles valentes officiaes da nossa marinha militar. Não lhe queremos mal por isso.

O sr. Alvaro Andrea, já falecido, e o sr. João Capello, foram os restantes vogaes da comissão portugueza da exposição internacional das sciencias geographicas de Paris de 1875, exposição e congresso que, como dissemos, foi a causa determinante de todo o movimento geographico, que ultimamente nos accommetteu.

Amboz officiaes de marinha, foi o sr. Andrea um professor eruditissimo e um bravo e honrado marinho, de quem tivemos a honra de ser collega em algumas comissões de serviço publico, collega que, a uma notabilissima serenidade de espirito, vimos sempre associar a mais austera e corajosa imparcialidade. O sr. Capello, vivo ainda, e a quem sinceramente desejamos uma existencia de Mathusalem, nós e o paiz, que todos lhe querem muito, e hoje, como já o era então, agora porém mais trabalhado pelo estudo e pelos annos — o que não quer dizer que, disfarçadamente, lhe vamos chamando velho — o distincto e sábio meteorologista que todos respeitamos e que, no levantado desempenho de uma comissão de serviço publico — direcção do observatorio do Infante D. Luiz — tem sabido conquistar geral estima, a que os poderes publicos d'esta terra nem sempre (infelizmente para ellos) tem sabido corresponder. Se esta excepção prova a regra geral, registre-se em todo o caso a excepção a que, de passagem, vamos alludindo, para castigo dos culpados.

Resume-se ella na seguinte. Reuniu-se ha poucos mezes em Paris uma conferencia internacional de meteorologia, para que foi, como parte integrante, convidada o sr. Capello. Deveres do cargo, a natureza especial do serviço, a indole singular da propria conferencia, o limitadissimo numero de seus vogaes, o alcance das suas deliberações, tudo obrigava a comparecermos alli, representados por aquelle cavalheiro. Pois, senhores, parece que, exaustido o erario portuguez por varios passeios e villegiaturas de amigos ou adherentes (do tal erario), entendeu o governo, que o sustento e superintende, que o melhor que tinha a fazer, para lhe dar a precisa tonicidade, era difficultar, para d'isso se arrepender mais tarde, porém já sem remedio possivel, a ida a Paris d'aquello nosso illustre compatriota, que, extranho caso! soube tornar-se illustre quasi que ás escondidas da nação! Prohibiu-se d'esta arte a sua intervenção em uma conferencia, onde s. ex.ª, honrando sobremaneira o seu paiz, poderia contribuir singularmente, e desde já, para o aviamento economico e até diplomatico de muitas averigunções que, sobre serem interessantissimas, se apparentam estreitamente relacionadas com parte do nosso Portugal africano.

No que acabamos de narrar, referimo-nos exclusivamente ao governo, porque o governo, e só o governo, consideramos, por boas razões, responsável pelo facto, a que nos referimos. Coisas nossas!

Foi de pouca dura a comissão nomeada pelo documento official que, por motivo do seu valor historico, transcrevemos quasi que na integra no ultimo numero do Occidente. Successos politicos, e melindres de varias especies, oppuzeram-se quasi logo ao desempenho do encargo, que lhe fora commettido, dissolvendo-se por assim dizer expantaneamente logo depois de começarem os seus trabalhos; dissolução esta que, de facto, nos parece não poderá ter sido muito posterior a abril de 1875. Foi effectivamente em 23 d'este mez que, sob o titulo de «comissão portugueza da exposição internacional das sciencias geographicas de Paris» se redigiu o convite inserido no *Diario do Governo* do dia seguinte, convite acompanhado por varios e extensos esclarecimentos, e publicado com o proposito de se criar no publico o movimento, de que deveriam sahír parte, pelo



menos, dos productos destinados a figurarem na projectada e já mal proxima exposição internacional. Que nos consta, nenhum outro documento, da mesma chancellaria, foi dado a lume posteriormente ao convite a que nos referimos.

Estavam as coisas n'estes termos, isto é, quasi chegado o momento de se inaugurar o congresso de Paris e, conjuntamente, o de serem franqueadas ao publico as sal's da sua respectiva exposição, enquanto que, entre nós, jaziam desertos os armazéns, destinados á arrecadação dos productos portuguezes que alli deviam comparecer, quando o sr. Corvo, esforçando-se por garantir, quando mais não fosse, a nossa representação official entre os delegados que, de todas as nações do mundo, affluam áquella importante conferencia, evitando-nos uma parte ao menos da immensa vergonha, que parecia estar nos imminente, por telegrama de 26 de junho, se resolveu a nomear o então nosso ministro em Paris, o sr. Mendes Leal, delegado portuguez junto ao congresso geographico de 1875.

Torna-se inútil acrescentar que o poeta e escriptor illustre, que preferia ás suas tão invejáveis glorias litterarias o parlamentarismo uma especie de representação diplomática, que, por mais illustre que seja, não trocaríamos por aquellas, desempenhou com o maximo criterio e patriotismo a missão, de que fôra encarregado, associando desde logo á sua diligente e esclarecida actividade varios portuguezes, que então residiam em Paris, e que immediatamente se prestaram a conjuar os nobres e levantados intuitos d'aquelle nosso representante. Foram estes o sr. Vasconcellos Abreu, os srs. m. r.quez de Penafiel, Soveral e outros, se por ventura mais houve, o que não cremos. Entre todos, porém, especieceremos o notavel e sabio professor do curso superior de lettras, o sr. Abreu, nosso velho amigo, que por tal forma se houve em varias sessões do congresso, que a todos mereceu sincero applauso, pela sua erudição e talento, recebendo por mais de uma vez testemunhos de de grande apreço, que muito laongearam o grupo portuguez de quem aquelle cavalheiro, então simples estudioso, foi parte o sr. Mendes Leal, o mais distincto ornamento.

Da exposição portugueza nada havia porém... que se visse! Apesar de toda a provada e incansável dedicação do nosso ministro em Paris, não era com milagres que se havia de inventar os productos, de que tanto necessitava...

Sucedera porém que, por um feliz acaso, tivéssemos, em julho de 1875, de ir a Paris, onde nos devíamos demorar por alguns mezes no desempenho de encargos, nascidos da necessidade de provermos a secção photographica da direcção geral dos trabalhos geodesicos, que então dirigiamos ainda, de alguns elementos materiais, de que que carecia, para consolidação dos creditos, que ao mundo scientifico justamente mereceu aquelle estabelecimento modelo, que o despacho de um ministro mal informado subitamente aniquilou, espiacellando-o e dispersando-o, com injustificavel descredito para o paiz, grave prejuizo para os cofres publicos e satisfação enorme de varias mediocridades que, na sombra, e confiados no nosso proprio despreendimento, não duvidaram elevar até ás regiões do poder executivo os pequeninos despeitos e sentimentos, que lhe deram força e victoria em tão desastrosa campanha! Isto exactamente na occasião, em que o instituto, que foi victima d'estas miserandas machinacões, era premiado na exposição internacional de Paris de 1878, com uma rarissima distincção, que a muy poucos no estrangeiro foi concedida, por notavel e excepcional, e pouco antes de um distinctissimo official do exercito inglez, o major Waterhouse, chefe do serviço photographico de Calcuttá, em vingem d'estudo pela Europa, vir recommendado pelo seu governo, de Londres expressamente a Lisboa, antes de visitar a Belgica, onde tanto encontraria na sua especialidade, para estudar as nossas installações e processos, que o celebre editor de Paris, o sr. Gauthier Villars, logo depois da exposição de 1878, entendeu dever dar á estampa em lingua franceza o em edição especial da sua obra! É triste... e o que é peor é que, quando não impera o reclame e não trabalham as coteries, tudo isto se faz sem o paiz dar por isso e sem haver opinião que corrija e suspenda os dialutes do poder central!

A extincção da secção photographica, com a organização final, que se lhe propunha, é, perdemos diz-o n'este lugar, um dos maiores desastros que os nossos governos se podem gabar de ter cometido ha muitos annos a esta parte. Nada a justificou; a economia, que se suppoz fazer-se, transformou-se na perda inutil de muitos e avultados valores. E por fim nem mesmo chegou a extinguir-se, porque tem resuscitado nos bocadinhos

por aqui e por acolá attesunando assim o despropósito do seu aniquilamento!

Deixando porém este incidente da nossa vida scientifica e burocratica, pretexto futuro, talvez, para diversas explanações, a que em tempo nos esquivámos, por simples lealdade partidaria, de que estamos quasi que arrependidos — tão contraproducente julgamos aquelle sentimento em politica, que se vai tornando, entre nós e cada vez mais, uma especie de porto sujo, onde a saúde de coraçao corre eminente risco de se sumir e apagar de todo — deixando nos por agora de maiores divagações, voltemos aos nossos assumptos geographicos, no ponto exacto onde os deixámos.

Sucedera portanto que uma commissão de serviço publico, absolutamente extranha a geographias de qualquer especie, nos ia levar até Paris quando, já em vespertina de partida (1), nos foi perguntado pelo sr. João de Andrade Corvo, que para isso nos chamara ao seu ministerio, se nos queríamos associar aos seus propositos, acudindo ambas, por qualquer modo efficaz e immediato, ao estado de nudez e abandono em que, com escandalo dos nossos creditos, jazia, a meio congresso, a sala portugueza da exposição geographica de Paris. Para remedio de tamanha desastre, dar-nos-hia carta branca, certo da nossa actividade e ainda mais certo do nosso manifesto patriotismo; chegando a Paris combinaríamos, no que fosse possivel, com o sr. Mendes Leal, nosso delegado no congresso, sobre o modo de curarmos de tudo pela forma, que mais digna fosse a melhor escondesse a pobreza da nossa bagagem.

Escusado é dizer que accettámos, sem pensarmos mesmo se teríamos elementos para fazer cousas que se visse e aproveitasse. Tratava-se de acudir a uma grande vergonha nacional, removendo-a com a maxima energia e a mais prompta deliberação... Peior que tudo seria a recusa e não nos assistava o fiasco possivel, nem tão pouco o motejo indigena, que a muitos prende por cá, e que a nós jámais nos prendeu em cousa alguma, ateitos a raciocinarmos de dentro para fóra, em vez de o fazermos de fóra para dentro, como parece que é o caso de muita gente, cujas opiniões são as do meio em que vive, em vez de serem as do proprio espirito, logicamente instruido e lealmente consultado.

Entregámos nos portanto de corpo e alma ao desempenho do peido, que com tanto e nobilissimo empenho nos fizera o sr. Corvo.

Em menos de quatro dias, percorrendo as repartições publicas, batendo á porta de bons amigos, extrahindo da nossa pobre Secção photographica tudo quanto nos pareceu mais digno de publico exame, organizando na Direcção geral dos trabalhos geodesicos uma vasta collecção de publicações geographicas e geologicas, conseguimos apurar 175 diversos exemplares, que pesando alguns centos de kilos, tratámos logo de encontrar e transportar connosco até Paris, sem olharmos a descanço ou commodidades de qualquer especie.

(Continua)

José Julio Rodrigues.

#### Errata ao nosso ultimo artigo

Onde se diz: não absolutamente extemporanea, leia-se: não absolutamente extemporanea.

### Quinto centenario da batalha de Aljubarrota

UMA PAGINA DA HISTORIA DE PORTUGAL

(Continuação do numero 241)

O assombro e a dor eram justificados, porque, além do triste effeito moral que produzia, a batalha de Aljubarrota importava para os Castelhanos um formidavel desastre: a flor da nobreza lá ficara estendida, porque todos tinham combatido valentemente. Dos Portuguezes que seguiam as bandeiras de Castella, poucos sobreviveram, não só porque durante a batalha combateram sempre nos pontos de mais perigo, como também porque depois d'ella não foram poupados pelos seus irritados compatriotas. Um irmão de Nuno Alvares, feito prisioneiro e conduzido á presença de el-rei de Portugal, foi por elle confiado a um fidalgo chamado Egas Cordeiro. Não lhe valeu a protecção: foi assassinado barbaramente.

Fatigado d'esse dia glorioso, deitara-se D. João em cima de um banco de pedra, quando Antão Vasques de Almada lhe lançou aos pés como ta-

pete a bandeira real de Castella. Sorrindo a recebeu o brioso rei, que mal podia ainda acreditar que houvesse ganho tão formidavel batalha. Seguido por um prisioneiro castelhano, foi então percorrendo o campo e inquirindo d'elle os nomes dos mortos de mais graduação. Fôra uma terrível messe a que o ferro portuguez ceifara. Jaziam no campo D. Pedro, filho do marquez de Villena; D. João de Castanheda, filho do conde D. Tello, primo de el-rei; D. Fernando, filho do conde D. Sancho; o prior dos Hospitalarios castelhanos; o conde de Villalpando; o almirante-mór de Castella João Fernandes de Tour; o mordomo-mór de el-rei, Pero Gonzalez de Mendoza; o adiantado-mór e o marechal de Castella, João Ramires de Aralano; Diogo Gomes Sarmiento; João Duque, e quantos mais! Dos Portuguezes que pelejavam á sombra da bandeira castelhana tinham morrido, o conde de Mayorca; D. João Afonso Tello, irmão da rainha D. Leonor; o mestre de Calatrava, D. Pedro Alvares Pereira, e seu irmão Diogo Alvares; Gonçalo Vasques de Azevedo e Álvaro Gonçalves de Azevedo, seu filho; Garcia Gonçalves Taborda, alcaide-mór de Leiria; João Gonçalves, alcaide-mór de Obidos, e Ayres Pires de Camões, etc. Cahiram prisioneiros, entre outros muitos fidalgos, dois Portuguezes de distincção: D. Pedro de Castro, o filho do conde de Arraiolos, e Vasco Peres de Camões, alcaide de Alemquer, o um castelhano, Pero Lopes de Ayala, o chronista eloquente que temos frequentes vezes citado (1). Do nosso lado, os fidalgos mais distinctos que pereceram foram Vasco Martins de Mello, e aquelle brioso cavalleiro gasco de quem já falámos e que se chamava João de Montfernat.

Não se pode saber qual foi na totalidade o numero dos mortos. Devia ser enorme, tanto pela consternação que houve em Castella, como porque só de homens de armas ficaram no campo ostendidos dois mil e quinhentos. Os poucos mortos deviam ser muitos mais, porque, fugindo desordenadamente em todas as direcções, foram saltados pelos camponeses e pelos homens das cidades e villas, que se vingavam das suas crueldades de qu'ora, matando n'elles á vontade.

Eis o que foi a batalha de Aljubarrota.

(Continua)

ca.

### RESENHA NOTICIOSA

COMEDIA FRANCESA. Por fallecimento de Emilio Perrin, ha annos director d'este theatro de Paris, o primeiro theatro nacional, e subsidiado pelo Estado, foi nomeado administrador geral d'elle, o conhecido litterato Julio Claretie, um dos mais fecundas escriptores francezes, que conta quarenta e cinco annos de idade, e é geralmente estimado. Ha porém uma singularidade que não podemos entender nem explicar. Alguns periodicos francezes dando conta d'esta nomeação, esforçam-se por demonstrar que o novo administrador não é presidente da *Soc. des gens de lettres*, que esta não tem presidente, mas sim um conselho ou commissão renovavel, que escolhe d'entre si o presidente e vice-presidentes, que hão de dirigir os debates internos, limitando-se as suas funcções a este fim, sem que elles tenham sequer a auctoridade efectiva do delegado, sr. Manuel Gonzales, director das finanças e grande arbitro dos litigios. Dizem mais que depois da morte de Edmund About, os suffragios da minoria dos litteratos indifferentes, e da maioria dos hondores dedicados, que compõem outra especie de conselho intimo, foram dados a Julio Claretie, e que este presidira, de certo pela ultima vez, na segunda-feira 19 de outubro ultima á sessão do referido conselho. Para nós é tudo isto estranho e inconcebivel, não podendo comprehender como

(1) Nasceu em 1310, Pero Lopes de Ayala entrou de idade de dezotto annos nos reo publicos, chamado a elles por D. Pedro, o cruel. Seguiu a parтия de Henrique de Trastamara, que o fez seu alferes-mór. Nessa qualidade assistiu á batalha de Najera, em que foi feito prisioneiro pelos inglezes, indo passar os seus annos de captividade a Londres. Foi feito chanceller quando voltou á patria, e chanceller foi também de D. João I. Cahir prisioneiro dos Portuguezes na batalha de Aljubarrota, mas parou, diz Tuckey, que o seu captivo não foi d'esta vez tão cruel nem tão longo como o de Londres. Efficazmente, resgatou-se pelo enorme preço de trienta mil dobras voltando a Castella, continuou no seu cargo de chanceller, que exerceu ainda durante alguns annos do reinado de Henrique III. Morreu a 11 de julho de 1387, de idade de setenta e cinco annos.

Foi poeta e chronista notavel. Escreveu as *Chronicas* de D. Pedro I, D. Henrique II, D. João I e D. Henrique III até ao anno da sua morte. Traduziu em castelhano Tito Livio, S. Gregorio e Boecio. Escreveu um livro de caça, e uma especie de poema didactico sobre os deveres dos reis e dos nobres, intitulado *Formoso de palacio*. Rivalisava com o nosso Fernão Lopes, a quem precedeu chronologicamente, e, sendo-lhe inferior talvez em sagacidade de apreciações, Yeta-se ácerca d'este escriptor Ticknor, *Historia da litteratura hespanhola*—Primeiro periodo desde os origens até Carlos V. tr. fr. de Mugnabul (Paris, 1861), cap. 7, pag. 97, e cap. 12, pag. 167.

(1) Sahimos de Lisboa em 21 de julho.



em um regimen largamente liberal, se julguem incompatíveis os cargos de qualquer sociedade particular, com os da vida publica. Vimos em Hespanha Nufes de Arce, ministro das colonias, presidir á *Sociedade dos Escriptores*, Canovas, presidente do Conselho de Ministros, á Academia de Historia, e entre nós o sr. Pinheiro Chagas, ministro do Ultramar, á dos Escriptores Portuguezes, occupando aliás cargos muito mais importantes que o de *Director da Comedia Françeza*, que de mais a mais é proprio de um *homem de lettras*, presidente ou não, da Sociedade d'elles. Cada vez nos convencemos mais, de que ha muitas coisas em que não temos que invejar os costumes dos estrangeiros.

**DIRECCÃO DOS AEROSTATOS.** Já por mais de uma vez nos temos occupado d'este assumpto (veja-se o volume IV, pagina 240, vol. VI, pag. 259 e 264 vol. VII, pag. 43 e 322, e no presente vol., pag. 192), e agora vemos uma noticia de certa importancia a tal respeito. O ministro da Guerra, de França, em vista dos notaveis progressos realizados na sciencia da aerostação pelos capitães Renard e Krebs no Parque de Chalais-Mendon (nosso vol. VII,

pag. 222), resolveu pedir ao parlamento francez um credito sufficiente para habilitar aquelles officios, no proseguimento das experiencias necessarias, afim de chegarem a descobrir o motor indispensavel, ainda não encontrado, por meio do qual se possam percorrer longos trajectos.

**FALLECIMENTO.** Falleceu no Porto o distincto engenheiro Faustino José da Victoria, director das obras publicas d'aquelle districto, ao qual prestou importantissimos serviços, d'entre os quaes são mais importantes a construção do grandioso edificio da alfandega, e do Hospital dos Alienados do Conde Ferreira, no sitio da Cruz das Regateiras, em cuja construção introduziu reformas e modificações no projecto primitivo, que lhe melhoraram immensamente as condições de hygiene e de capacidade.

**LEILÃO DE LIVROS.** Começa no dia 4 do corrente no Porto, o da importante livraria do fallecido dr. João Vieira Pinto.

**CÂMARA DOS DEPUTADOS DE FRANÇA.** Findaram as eleições em França trazendo á Camara, segundo as folhas mais imparciaes, 382 deputados republicanos, contra 202 monarchicos. Quem con-

sidera sem paixão este resultado obtido pela opposição monarchica, e conhece por experiencia de quanta força dispõem os governos para fazerem vencer os seus partidarios, não pode deixar de reconhecer que elle significa mais do que aquillo que querem fazer supôr os órgãos mais ou menos claramente dedicados á republica. Entre 382 deputados republicanos, pertencem aos intransigentes 40 o maximo, e parece que 240 constituirão a maioria governamental. Outros periodicos elevam a muito mais o numero dos intransigentes, e d'essa forma, juntando a elles e á opposição monarchica o numero dos descontentes e dissidentes, que por esto ou por aquelle motivo, mais cedo ou mais tarde apparecem, será difficil o exercicio de qualquer governo. Diz-se tambem que o sr. Julio Grévy se resolve a continuar a *sacrificar-se pela patria*, acceitando de novo a presidencia da Republica.

**DUCADO DE BRUNSWICK.** Este pequeno ducado, causa primaria da guerra entre a Prussia e a Austria, e da elevação d'aquella, mas que até hoje se mantinha, parece finalmente ter cahido no laço ou rede prussiana. A Dieta de Brunswick elegou



THOMAR — UMA PAISAGEM DO NARÃO (Segundo photographia de A. S. Magalhães) Vid. artigo "Tres dias em Thomar."

já ou vae eleger o príncipe Alberto, sobrinho do imperador Guilherme, regente do Estado. A *Gazeta de Vooss* afirma que logo que o príncipe tome posse do cargo, convocará a Dieta do Estado, para lhe submeter uma convenção militar com projectos que tem por fim a suppressão da autonomia administrativa e judicial do ducado, cuja approvação não é duvidosa. Assim ficará realizada a absorção completa, e o pequeno estado lamentará a perda da sua independencia, quando se vir, mais cedo ou mais tarde, provincia do império allemão.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**ORAÇÃO DE SAPIENCIA,** recitada na sala das actas grandes da Universidade de Coimbra, no dia 16 de outubro de 1885, pelo dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim, lente cathedrativo da faculdade de direito, Coimbra, Imprensa da Universidade da de, 1885, [offerta do auctor]. Opusculo de 8.<sup>o</sup> francez, de 32 paginas. Não era ao illustrado auctor a quem competia no presente anno pronunciar a oração da sapiencia, com a qual, segundo os estatutos, se devem abrir os trabalhos do anno

lectivo, mas aproveitando habilmente dois acontecimentos notaveis que se davam no dia em que a pronunciou — o anniversario natalicio de S. M. a Rainha, e a distribuição dos premios, — soube dar ao seu discurso dobrado interesse. Termina o folheto a transcrição do *Hymno Académico*, composto em 1846 ou 1847, quando por occasião da revolução popular, os estudantes de Coimbra formaram um batalhão, um tanto indisciplinado, para os actos de exercicio e quartel, mas prompto, firme e decidido para as occasiões de combate, como muitas vezes me disse o seu bravo commandante, o fallecido brigadeiro João José Pereira e Horta, e é curiosa e engraçada a anecdota, que fez sympathisar a Academia, com aquelle valente official, e pediu para seu commandante. Entre aquellas estrophes falta uma, que sabemos desde esse tempo, e ouvimos cantar muitas vezes, não sabendo se é de Gonçalves Lima, ou de outro, mas que julgamos a mais brilhante; eis-a:

Elle levanta, ó estudantes,  
Que o mal da patria nos doe,  
Cada estudante um soldado  
Cada soldado um heroe.

**CAPELLO ET IVENS, epopee, oeuvre de charité,** — Porto, 10 octobre 1885, Rua Cima de Villa, 129, pelo sr. J. R. Mesnier. É um opusculo de 15 paginas e em verso. Brilhante saudação que per-

mitiu ao auctor commemorar em sentidos veros os desastres da patria na infausta campanha com a Prussia, e lamentar o espoliamento da Polonia, e as progressivas espoliações feitas á Turquia; estabelecendo a comparação entre essas feitos de sangue, e a marcha valorosa dos nossos dois arroçados viajantes, entre o combate com os homens, e o combate com o clima e os obstaculos da Natureza, eleva a obra dos nossos dois heroes ao primeiro plano da gloria da humanidade, como merecem.

**IMPRESSIONES DA LEITURA DA VELHICK DO PAIREE ETERNO, poema notavel do distincto poeta Guerra Junqueiro.** — Viagem ao Parnaso, por Frei Uge-dio — Santarem, Minerva Industrial, 1885. Não ha obra humana que não possa ser criticada, com mais ou menos razão, por este ou por aquelle principio, e a notavel produção de Guerra Junqueiro não escapa a essa regra, e uma critica severa e justa tem muito que lhe escarpellar no fundo e na forma, mas não nos parece que o auctor da *Viagem* fosse feliz na maneira por que o fez, em versos pela maior parte fultos do verdadeiro rythmo.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TTP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 30 e 36 — Lisboa.